

As diferenças que fazem a diferença

Oferença uma sugestão de logo que vai ajudar a desenvolver a percepção da seus alunos. 3ª capa



A gente

Revista A gente nº 2
Ano 1 - Abril 1995
Informativo dirigido aos
agentes de educação de
adultos do Mobral.

Conteúdo. Eis o ponto.



Percepção: sua importância para o processo de alfabetização.
Página 5

Motivação e aprendizagem



Sem motivação não há aprendizagem.
Leia sobre o assunto neste número.
Página 7

O material nosso de cada dia

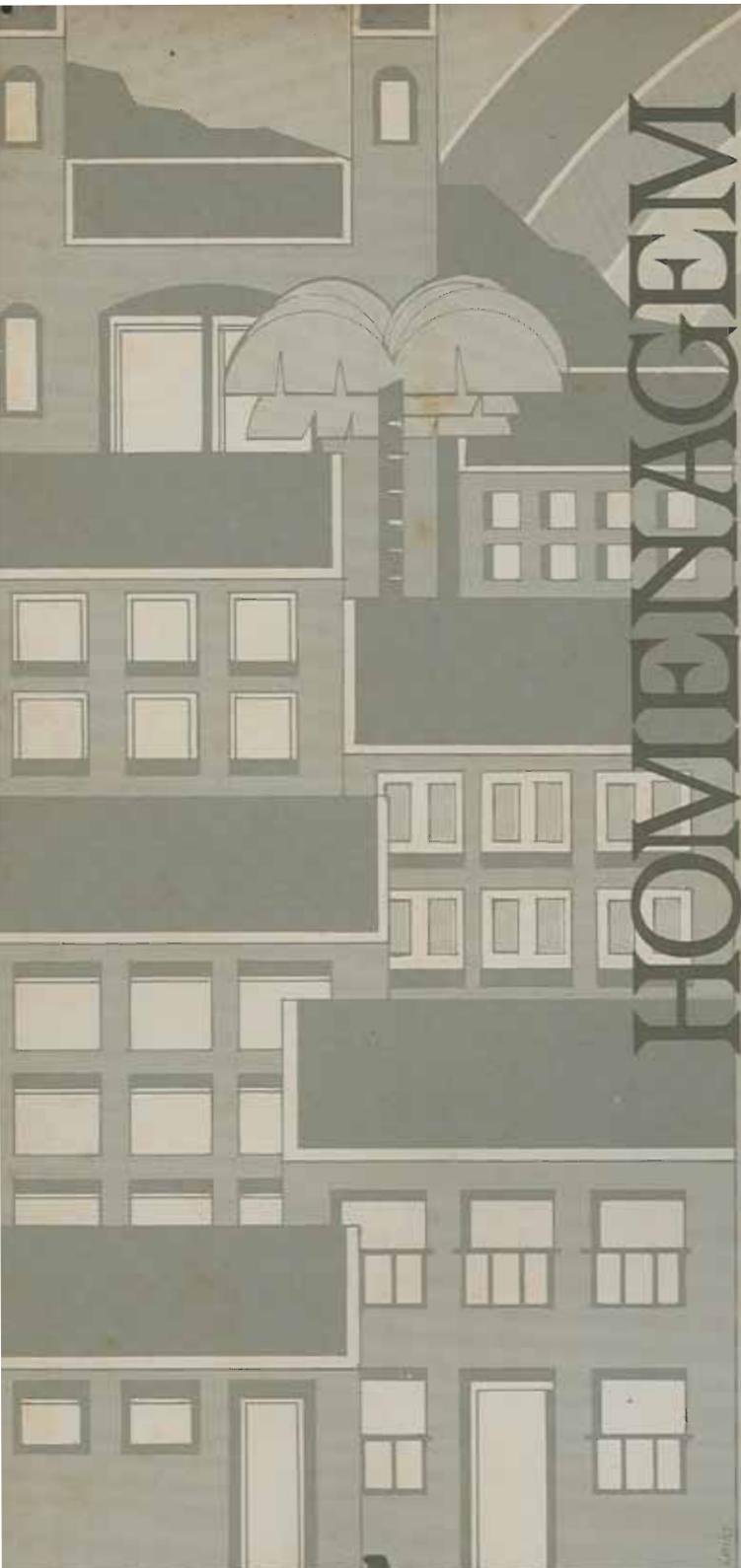


Jornal, mais um recurso para você utilizar em sala de aula.
Página 10

O mundo do trabalho no mundo da escola

Página 2





HOMENAGEM

Inácio Afonso de Bragança
Que fundou esta cidade
Foi um simples lavrador
De grande capacidade
Enfrentando terra bruta
Jogando matas no chão
Prá fazer Carmo da Mata
Prá futura geração.

Fazendo uma simples viagem
Um algo lhe fez sentir
Escolhendo esta terra
Para ele residir
Descendo da viatura
Pondo as malas no chão
Ele fez um simples ranchinho
Onde hoje é Estação.

Enfrentando terra bruta
Jogando matas no chão
Prá fazer Carmo da Mata
Prá futura geração
Agradecemos este homem
Por seu esforço e bondade
Por fazer da mata virgem
Prá nós uma linda cidade.

A poesia que você acabou de ler é de Antônio Inácio das Graças, o Toim Gracioso.

Ela é resultado do trabalho promovido pela professora Marlene Aparecida da Silva, do Curso de Educação Integrada do município de Carmo da Mata (Minas Gerais), visando a desenvolver, em seus alunos, a capacidade de expressão escrita.

Concursos de redação, poesia etc. são mesmo um bom modo de estimular tanto a escrita dos alunos, como sua criatividade.

Fica aí, portanto, a sugestão para você.

Agente Agente Agente

Agente

Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral

Rua da Alfândega, 214 – CEP 20070
Rio de Janeiro – RJ

Agente

Editada pelo Departamento Técnico-Educacional
Produzida pelo Departamento de Comunicação

Supervisão

Carmen Perrotta
Maria Terezinha Botelho Éboli Benjamim
Sonia Kritz

Redação

Clarisse Carrilho Abdalla
Edite Alves Fonseca
José Machado de Mattos
Lizzie Murinho
Maria Fernanda Rezende Nunes
Maria Leonor de Macedo Soares Leal
Mário Elber dos Santos Cunha
Neise Freitas da Silva
Sérgio Pinheiro Guerra
Sonia Kritz

Programação visual e produção gráfica

José Carlos Martins

Diagramação e Arte-final

Alfredo Fontes
Leila Brasil Danziger
Maria Lúcia Ayres d'Aquino
Marco Antonio de Moura Dias
Silvio de Moura Dias

Ilustração

Leila Brasil Danziger
Silvio de Moura Dias

Fotografia

Arquivo Mobral

Composição

Lídio Ferreira Junior

Impressão e acabamento

Gráfica e Editora Celsus Ltda.
Rua José Eugênio, 17 – São Cristóvão

Tiragem: 84.000 exemplares



Revista A gente nº 2 • Ano 1 • Abril 1985
Informativo dirigido aos agentes de educação de adultos do Mobral.

Sumário

O mundo do trabalho no mundo da escola	2
Pensando o saber que o povo tem	4
Perceber para aprender	5
Motivação e aprendizagem	7
Jornal – bom para ler, discutir, fazer	10
As diferenças que fazem a diferença	3ª capa

Editorial

Aí está o n.º 2 da nossa revista.

Ela continua com força total, pois este é o espaço que a gente conquistou.

Contrariamente ao nosso desejo, este segundo número ainda não conta com a participação de vocês: alfabetizadores, professores, supervisores, técnicos das Coordenações e outros agentes que lidam com a educação de adultos no MOBREAL. É natural. O primeiro número não chegou à maioria de vocês. Queremos, no entanto, deixar registrado o recebimento de comentários sobre o primeiro número, feitos por algumas Coordenações.

É preciso sempre colaborar com a revista. Você pode mandar cartas, contando o que faz, dizendo o que pensa, mostrando como você acha que as coisas podem melhorar em seu trabalho, falando sobre seus problemas, necessidades, dúvidas e — por que não? — das suas alegrias e êxitos. Através da revista, vamos trocar idéias, também, sobre este

novo tempo que estamos começando a viver. Um tempo em que cada vez mais e melhor possamos construir o nosso presente. Decidir, juntamente com o grupo, a maneira de realizar o trabalho educativo.

Dificuldades, problemas existem. Mas é discutindo, refletindo junto, propondo soluções e, sobretudo, ajudando a realizá-las, que vamos fazer da participação um fato.

A *Gente* está aí para isso. Para que a gente discuta a educação que a gente faz.

E é importante que vocês participem dessa discussão, dizendo o que acham sobre os artigos, sobre as idéias que eles apresentam, sugerindo outros assuntos para os próximos números.

Escreva para a revista!

Para isso, você pode utilizar a Carta-Resposta que vai junto com esta revista.

O número 3 de *A Gente* espera contar com sua participação.

O mundo do trabalho no mundo da escola

A natureza é imprescindível à vida humana. Mas só a natureza não basta ao homem. É preciso que ele a transforme, com o seu trabalho, para sobreviver.

Sem o trabalho humano, nada se produz. É a partir das relações de produção, isto é, das relações entre os que trabalham e os que possuem os meios para produzir, que podemos entender a sociedade em que vivemos e, conseqüentemente, a realidade de vida do nosso aluno.

Nesse mundo do trabalho, onde está o nosso aluno? Em que ele trabalha? O que ele faz? Vamos pensar sobre isso?

O nosso aluno adolescente ou adulto é um trabalhador do campo ou da cidade.

Quase sempre, um homem sem garantias e sem direitos. Muitos deles não possuem nem vínculo empregatício, ou seja, não têm carteira assinada.

Na área rural, ele pode ser bóia-fria; na cidade é conhecido como biscateiro, quebra-galho ou trabalhador por conta própria. Não importa o nome como é chamado, porque, no fundo, todos os nomes significam a mesma coisa.



NEISE FREITAS DA SILVA
SÉRGIO PINHEIRO GUERRA

Trabalha um pouco aqui, um pouco ali, sem registro na carteira de trabalho. Não tem direito ao amparo das leis trabalhistas e das leis previdenciárias.

Em geral, ganha por dia ou por tarefa, sem receber, muitas vezes, nem o salário mínimo. Sai de casa muito cedo, de madrugada mesmo.

O bóia-fria viaja num caminhão cheio de gente, que, como ele, sai da cidade e vai passar o dia inteiro na roça, cortando cana, colhendo laranja ou café. O biscateiro das favelas ou bairros operários das periferias se desloca para os centros urbanos. O trem, o ônibus e as grandes caminhadas são os meios de chegar aos locais onde encontra trabalho.

Eles levam suas marmitas, porque só à noite estarão de volta para casa. Junto com

a marmitta vão seus instrumentos. Sem eles, são menores as oportunidades de trabalho.

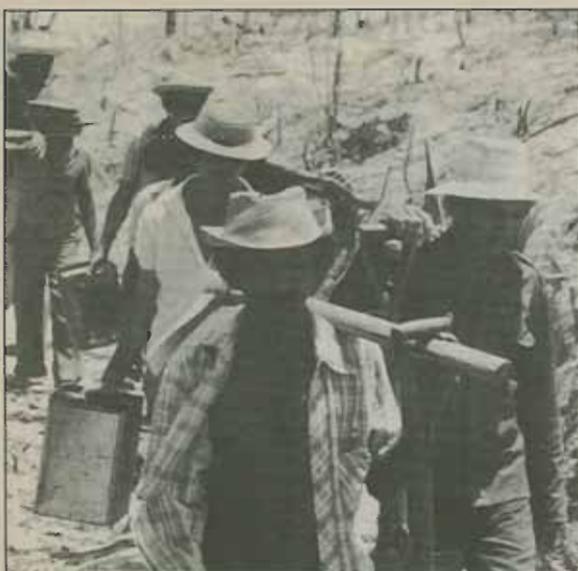
Pá, enxada, facão, fio de prumo, trena, pincéis são algumas ferramentas para o ganha-pão diário.

A relação entre esse trabalhador e quem o emprega é, na maioria das vezes, uma relação onde eles mal se conhecem, mal se falam. Ao contrário, os empregados das fazendas e os empregados domésticos têm uma relação mais estreita com seus patrões, mas nem por isso uma vida melhor.

Em qualquer dos casos, a remuneração é baixa, e os direitos praticamente não existem. Em geral, esses trabalhadores conhecem pouco seus direitos e deveres. E, quando conhecem seus direitos, nem sempre chegam a se organizar para garanti-los.

Esta situação se repete com uma infinidade de outros trabalhadores que oferecem sua mão-de-obra em troca apenas da sua subsistência e a da sua família.

Nessa massa de trabalhadores, também estão os pescadores, seringueiros, garimpeiros, vigias, trabalhadores rurais sem terra, serventes, pedreiros etc.



Será que seus alunos sabem quais são os seus direitos e deveres como trabalhadores?

Sabem, por exemplo, que a cada 48 horas semanais de trabalho todo o trabalhador tem direito a um dia de repouso, pago como se fosse um dia de trabalho?

Que esse descanso deve ser de preferência no domingo?

Que o trabalhador tem direito a um intervalo para almoço e descanso?

Que esses intervalos são estabelecidos de acordo com a duração da jornada de trabalho e o tipo de atividade desenvolvida?

Que os direitos trabalhistas dos empregados domésticos são estabelecidos por uma lei especial?

Essas são apenas algumas informações sobre os tipos de trabalho, relações e legislação trabalhistas que caracterizam o mundo do trabalho que é o mundo do nosso aluno.

O que queremos dizer é que os jovens e adultos com quem você lida podem ser reconhecidos por aspectos da vida de trabalho que mencionamos, mas merecem um conhecimento muito mais profundo.

Cabe a você, agente, conhecer de perto o viver dos seus alunos, especialmente o seu trabalho.

Discuta com a classe, de forma democrática, a questão do trabalho.

Aprenda e troque com eles sua experiência sobre o assunto.

Essa conversa é um passo a mais para, partindo da realidade, despertar neles o reconhecimento do seu papel na sociedade e interessá-los na aprendizagem.

Algumas questões são importantes. Por exemplo:

Todo mundo tem emprego?

Por que os salários são baixos?

Todo mundo ganha pouco?

Como os trabalhadores podem se organizar para defender seus interesses?

Para que servem os sindicatos para o trabalhador? E a escola?

A alfabetização pode influir no mundo do trabalho?

O assunto trabalho envolve muitas outras questões. Por isso é importante que você e seus alunos estejam sempre conversando sobre este assunto. Para ajudá-los nessas conversas, vocês podem procurar pessoas da própria comunidade. Pode ser um advogado trabalhista, um representante de sindicato, um funcionário do Ministério do Trabalho, ou outra pessoa do município que conheça bem o assunto.



Pensando o saber que o povo tem

CLARISSE CARRILHO ABDALLA
JOSÉ MACHADO DE MATTOS

No nosso trabalho, falamos constantemente em desenvolver ações educativas que venham ao encontro das reais necessidades e interesses da população.

Assim, consideramos da maior importância refletir sobre algumas questões:

Afinal, quem é a população com a qual trabalhamos?

O que pensam?

O que sentem?

Que atividades exercem?

O que produzem?

Como se organizam?

A tentativa de responder a essas perguntas permite penetrarmos no mundo dessas pessoas, no seu saber.

Se não nos aprofundarmos nessas questões, como poderemos desenvolver uma ação educativa junto a elas, ação que esteja relacionada à sua problemática de vida e que as torne cada vez mais participantes de seu próprio processo de aprendizagem?

O fato é que pouco conhecemos sobre a população com a qual trabalhamos. E também pouco conhecemos sobre o seu saber.

O saber popular ou saber do povo é fruto da experiência de vida, e são muitas as experiências dessas pessoas. Afinal, elas lutam diariamente para sobreviver. Como sobrevivem?

O povo tem uma maneira própria de pensar seu lugar na

sociedade a partir de sua situação de vida. E a situação de vida dessas pessoas tem relação direta com a atividade econômica que elas exercem. Um trabalhador, por exemplo, tem uma maneira de pensar diferente de um "doutor". Tanto o trabalhador quanto o "doutor" têm uma atividade produtiva. No entanto, suas atividades não são realizadas do mesmo modo. Cada um deles usa o seu saber. O saber do "doutor" não é mais saber e não tem mais lógica que o saber do trabalhador.

Por que será, então, que o saber de gente como o trabalhador, que está tão presente no dia-a-dia, e que aparece tanto nas manifestações culturais como nas relações sociais e de trabalho, não é levado em consideração, nem muito menos valorizado pela nossa sociedade?

Parece-nos que esse saber, ou seja, o saber popular, que é freqüentemente desvalorizado, dá lugar a um outro saber — o saber dos "doutores" ou saber dominante, que é considerado, pela nossa sociedade, como se fosse a única forma de conhecimento. E isso acontece porque quem possui esse conhecimento detém o poder.

São esses grupos, ou seja, os grupos dominantes, que barram e invalidam o saber popular.

Quando se pretende desenvolver uma educação de adultos voltada para o povo, o

que se espera é que a relação agente/grupos populares não repita essa situação de poder.

Há casos de agentes que exercem uma relação de poder sobre o grupo só porque detêm o domínio da leitura e da escrita.

Espera-se que o agente tenha consciência desse poder, que muitas vezes ele exerce inconscientemente, e quebre essa barreira ao saber popular, para que ele possa ser expressado. Só reconhecendo que se sabe e a importância do que se sabe, é que se pode caminhar em direção ao que não se sabe.

Algumas reflexões em torno do saber popular

**A população tem um conhecimento.
Ela sabe que tem conhecimento?
Ela valoriza o conhecimento que tem?**

**Você expressa o seu conhecimento ou nem sempre isso é permitido a você?
O seu grupo tem oportunidade de expressar o que pensa, o que conhece, ou só quando você permite?
Como é trabalhado, no seu grupo, o seu saber e o saber dos alunos?**

**Conteúdo.
Eis o ponto.**

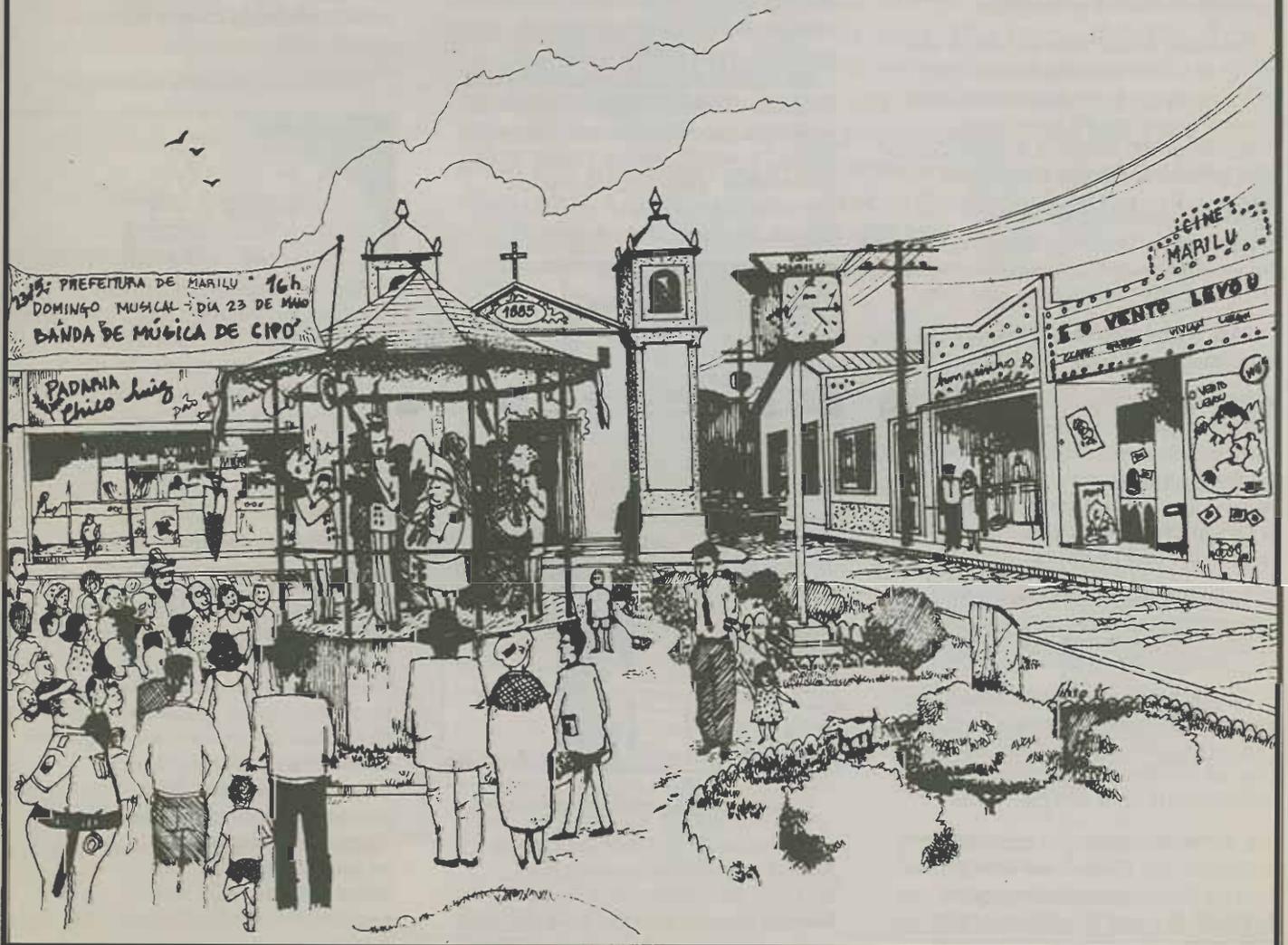
**Perceber
para
aprender**

LIZZIE MURTINHO
MARIA FERNANDA R. NUNES

Observe a ilustração abaixo. O que ela representa?

A maioria das pessoas responderia alguma coisa como "banda tocando no coreto de uma cidadezinha". Mas como chegamos a esta resposta?

A presença de alguns detalhes importantes e mais o nosso conhecimento permitem que vejamos assim: o conjunto de casas, por exemplo, nos leva à idéia de cidade; a construção no meio da praça é associada com coretos que conhecemos; os músicos no coreto nos fazem supor a presença de uma banda. Na verdade vamos observar os detalhes mais importantes que nos permitem identificar o que vemos. Outros detalhes podem passar despercebidos.



Volte à página 5.

Examine o desenho durante um minuto. Agora responda, sem olhar a ilustração:

- Qual a data de fundação da igreja?
- Quantas pessoas estão em frente ao armário?
- Que horas são?
- De quem é a padaria?
- Qual o nome da cidade?
- Que dia é hoje?
- Que banda é esta?
- Que filme está passando?

Quantas coisas passam despercebidas! Mesmo olhando com atenção, ignoramos muitos detalhes. Nossa experiência vai ajudar a perceber algumas coisas e até a não perceber outras.

Se você é uma pessoa que gosta muito de cinema, provavelmente terá prestado atenção no nome do filme. Se já fez parte de uma banda, os detalhes relacionados com ela serão mais facilmente identificados. Nossa atenção é atraída para o que nos é mais interessante ou familiar.

Perceber é isso. Não é apenas ver, sentir ou ouvir alguma coisa, mas sim relacionar estas sensações com nossas experiências passadas, possibilitando, assim, a explicação do que vemos, sentimos e ouvimos.

Nossa percepção de um determinado fato será tão mais aprimorada quanto maior for nossa experiência em relação a este fato.

Mas o que isto tem a ver com a alfabetização?

Vamos pensar um pouco em como aprendemos a ler. Necessariamente temos que aprender as letras ou as sílabas, e sua associação com os sons. Para isto precisamos aprender a perceber as diferenças entre estes sinais que são as letras.

Examine bem estas quatro letras:

l b p q d

Qual é a diferença entre elas? Na verdade, se não tivermos a noção de esquerdo, direito, em cima, embaixo, elas se tornam absolutamente iguais: uma bolinha com um pauzinho.

E as letras aparecem agrupadas nas palavras. Para quem tem algum tipo de dificuldade de percepção, também fica complicado perceber diferenças em palavras diferentes.

Nós sabemos que

ordenei e ordenhei

não são uma mesma palavra.

No entanto, para uma pessoa que está começando a lidar com o mundo da escrita, a semelhança entre elas pode fazer com que a letra **h** nem seja percebida como uma diferença.

Coloque-se no lugar de seus alunos. Este mundo das letras é inteiramente novo para eles!

Do mesmo modo que, quando vemos um desenho cheio de detalhes, tendemos a ignorar grande parte deles, nosso aluno faz a mesma coisa em relação às letras e às palavras.

Se para aprender a ler temos que aprender a perceber diferenças e semelhanças, precisamos levar o aluno a melhor perceber.

Vamos ver algumas dificuldades de percepção que foram constatadas em nossos alunos de alfabetização, numa pesquisa feita pelo MOBRAL.

Na ilustração abaixo, que aparece no *Livro-Caderno*, alguns alunos do MOBRAL reconheceram a ilustração como "árvore", outros como "bola", ou mesmo "casa". Estes alunos perceberam apenas um detalhe da ilustração, ignorando o todo.



Já, ao ser perguntado sobre o que significava esta outra ilustração, um aluno percebeu apenas as linhas da parede e ignorou todo o resto, respondendo "mapa". Ele tomou o detalhe como o todo, deixando de lado os outros componentes.



E como isso se reflete na leitura?

O tipo de dificuldade que esses alunos apresentaram poderia levá-los, por exemplo, a ler **bala** e **boneca** como a mesma palavra, pois ambas começam pela mesma letra.

Para eles, **b** poderia ser a única coisa importante na palavra.

Que fazer nesses casos? Você pode, por exemplo, usar as ilustrações das palavras geradoras do *Livro-Caderno*, para levar seus alunos a observar.

Por meio de perguntas, você vai estimulando o aluno, para que ele examine mais profundamente cada ilustração.

Por exemplo, se o aluno viu apenas uma árvore na ilustração da palavra geradora sapato, você poderia perguntar:

- O que mais você vê?
- O que está no fundo da gravura?
- O que está à direita da árvore?
- O que está à esquerda? Na frente? Embaixo?

Você pode levá-lo até a fazer interpretações sobre a ilustração: O que faz o menino? Por que tem um homem parado atrás? Neste caso, qualquer resposta vale, desde que tenha coerência com o que está sendo visto.

Observe agora esta ilustração:



Na pesquisa que fizemos, encontramos alunos que viram esta gravura como representando uma consulta médica, uma luta, uma mulher estudando ou uma máquina de escrever.

Mas se você trabalhar com o aluno, desenvolvendo sua percepção, ele chegará à conclusão de que esta é uma situação de pagamento.

Nem todos os seus alunos terão dificuldades de percepção. Alguns já sabem ler uma ilustração, embora ainda não saibam ler e escrever as palavras. Se você suspeita que algum tem dificuldade, mostre as ilustrações das palavras geradoras que ele não conhece e pergunte o que ele vê. Suas respostas vão indicar se ele está percebendo adequadamente a ilustração. Na medida em que você se preocupa em desenvolver a percepção de seus alunos, você estará contribuindo, ainda mais, para que ele aprenda a ler e escrever.

Alguma vez, você já pensou no esforço, dedicação e tempo que são exigidos de um atleta em seus treinamentos?

Quando a gente vê alguém assim, com muita vontade de fazer alguma coisa, parece que esta pessoa tem um motor que a leva a vencer todos os obstáculos que possam aparecer, não desanimando quando surgem dificuldades.

A motivação é isso: uma espécie de força dentro da gente que nos faz realizar o que desejamos.

E é a motivação que leva um adulto a procurar uma classe para estudar, uma vez que ele não é obrigado a isso, como normalmente acontece com a criança. Esse adulto tem seus próprios motivos. É alguma coisa forte dentro dele que o conduz nessa direção.

E quais serão as motivações, desejos e aspirações dos adultos que chegam às classes do MOBRAL? Conversamos com alguns deles, que nos disseram:

"Eu vim estudar aqui porque eu tenho perdido muito emprego bom por eu não ter estudo."

"É importante a gente saber assinar para não ter que pôr o dedo. Foi por isso que eu quis vir pro MOBRAL."

"Eu quis estudar porque uma pessoa que não tem estudo não é nada. Eu tenho vergonha de pedir informação a qualquer um e tenho medo de sair na rua porque não conheço número nenhum. E eu quero aprender a ler para não ter mais esse medo."

"O que eu quero conseguir aqui é o meu diploma. Eu não

Motivação e aprendizagem

MARIA LEONOR DE MACEDO SOARES LEAL
SONIA KRITZ



Cada aluno adulto, quando chega à sala de aula, não o faz porque foi obrigado a isso. Ele traz, dentro de si, uma série de motivos que o moveram a procurar o curso. E esses motivos devem ser conhecidos pelos agentes de educação de adultos e trabalhados em sala de aula, uma vez que interferem diretamente na aprendizagem do aluno. Como isso acontece? Qual é o seu papel, como agente de um curso do MOBRAL?

vou morrer sem isso não!"
"Tudo é o estudo, que quem não sabe ler é cego. E eu não queria mais continuar cego."

O que você acha que levou essas pessoas a estudar?

Analisando atentamente o que foi dito, podemos notar que os motivos apresentados estão mais voltados para: melhoria de emprego; desejo de assinar o nome; vontade de saber mais, de conhecer coisas novas; necessidade de ter mais segurança nas situações do dia-a-dia; desejo de obter um certificado; necessidade de leitura, para ampliar sua visão de mundo.

Os seus alunos também apresentam motivos como esses? Você já conversou com eles sobre o que os levou a estudar, apesar de todas as dificuldades por que passam na vida?

E como você vem trabalhando as motivações dos seus alunos em sala de aula? Já pensou em como isso é importante para que a aprendizagem se faça de modo mais eficaz? Qual é o seu papel, agente?

Dar oportunidades ao aluno de ter respondidos os motivos que o levaram à sala de aula.



Para isso, uma das coisas que você deve fazer é conhecer bem os seus alunos, saber exatamente o que os levou a procurar o curso.

É importante, também, que os alunos conheçam você. Fale sobre o seu jeito de ser. Sobre o seu modo de trabalhar. Sobre o que vocês irão realizar juntos, ao longo do curso. Mostre a eles o material didático que vão usar. Discuta com eles os objetivos do curso, de modo a estabelecer a relação entre esses objetivos e os motivos que fizeram os alunos buscar o estudo.

E lembre-se, mais uma vez, de que seus alunos são adultos. Gostam de ser vistos como pessoas capazes de orientar sua própria vida e, também, gostam de ser tratados com respeito. É por tudo isso que não devem ser considerados como crianças; que se deve levar sempre em conta o fato de que eles são indivíduos independentes; que não se deve obrigá-los a realizar essa ou aquela atividade; não se deve puni-los e muito menos julgá-los.

E quando os adultos são envolvidos por esse clima de respeito, necessário se faz que também assumam a responsabilidade pela sua aprendizagem. Às vezes, eles não estão preparados para isto e aí você tem um papel importante, levando-os a descobrir que realmente são capazes de assumir essa responsabilidade. E isto se dá quando o adulto valoriza o ato

de aprender; participa, criticamente, da definição daquilo que vai aprender e do modo como vai aprender; se expressa com liberdade, sem medo da crítica ou do ridículo; quando ele sente, na sala, um espírito de troca, um clima informal e de amizade; quando ele interfere nas questões administrativas, como a carga horária e duração do curso; quando pode participar da escolha e manutenção do agente. Enfim, quanto maior for a responsabilidade do adulto em relação à sua aprendizagem, maior será a sua motivação para aprender.

Ainda pelo fato de serem adultos, é importante fazer com que percebam, bem claramente, a utilidade daquilo que estão desenvolvendo na classe. Se os alunos sentem que o que estão estudando vai ser útil na sua vida, no seu trabalho, vai ajudá-los a melhor conviver com os problemas do seu dia-a-dia, que vai dar condições a eles até de tomar novas decisões, eles estarão tendo a oportunidade de satisfazer os seus motivos. E, à medida que percebem isso, a sua aprendizagem se faz de modo mais rápido e eficaz.

Uma outra atitude recomendável, durante o desenvolvimento do curso, é a de procurar perceber, em cada aluno, o que ele faz melhor, o que ele realiza com mais sucesso. A partir dessa descoberta, você deve procurar valorizar, no aluno, tudo o que ele sabe fazer bem, propondo atividades que possa realizar e ser bem-sucedido. Isto porque, sentindo que pôde fazer bem uma determinada tarefa, o

aluno encontrará ânimo para resolver outras situações em que se sente menos capaz. Por outro lado, diante de situações que lhe parecem difíceis e que não consegue resolver satisfatoriamente, sua aprendizagem é prejudicada. E esse é um dos fatores que podem causar a evasão. Em outras palavras, podemos dizer que o maior ou menor sucesso do aluno nas situações de sala de aula interfere diretamente na sua motivação e, conseqüentemente, na sua aprendizagem.

Quer ver um exemplo disso?

Você percebe que um dos seus alunos tem facilidade de resolver situações matemáticas e até gosta de fazer esse tipo de atividade. Mas esse mesmo aluno não gosta de se expressar oralmente diante dos colegas: ele se sente inibido. O que você faria nesse caso?

Em primeiro lugar, você deve respeitar essas limitações do aluno, estimulando-o, no início, a realizar atividades que gosta e sabe, reconhecendo o raciocínio feito, as soluções encontradas, e solicitando até que ajude um colega.

À medida que esse aluno for percebendo o sucesso que vem obtendo naquilo que sabe fazer bem, irá sentindo uma segurança cada vez maior para realizar atividades de que antes não se sentia capaz. Não compare o desempenho de um aluno com o de outro, o que pode ser frustrante e inibidor. Compare, sim, o rendimento, o sucesso, o progresso de um aluno em relação a ele mesmo, ao longo do tempo.

Esse conhecimento que o aluno tem a respeito dos resultados que vem obtendo nas atividades em sala de aula, é essencial para manter a sua motivação. Por isso, crie situações em que você possa conversar individualmente com os alunos. Nesses momentos, vocês podem falar sobre o que já estudaram até então; sobre o que isso acrescentou para a vida de cada um; como vêm se saindo nos estudos; se os motivos estão sendo satisfeitos. Além disso, é necessário também discutir esses assuntos com toda a turma, para analisar o progresso do grupo. Você verá, através desses debates, que os alunos se sentirão mais participantes em relação ao que está acontecendo com eles mesmos e com toda a turma. Isso, possivelmente, irá lhes trazer maior motivação.

Mas o seu trabalho não termina aí.

É importante criar situações que possibilitem ao aluno ampliar sua motivação, estimulando, em cada um, o surgimento de novos motivos, sem deixar de lado os motivos iniciais.

Como agir para que surjam, nos alunos, outros motivos, além daqueles que os levaram a procurar a classe?

Observe este caso.

José é pai de família, ajudante de pedreiro, tem 35 anos e está freqüentando uma classe de alfabetização. O alfabetizador, quando conversou com ele sobre os motivos que o fizeram matricular-se no curso, ouviu:

“Eu quero assinar meu nome porque assim eu deixo de ser analfabeto e ninguém vai poder me chamar de burro. E quando eu souber assinar, vou tirar meus documentos. Só faço isso assinando. Não quero mais pôr o dedo. Eu quero assinar. É importante a gente chegar e assinar.”

Segundo sua opinião, qual foi o motivo maior de José para freqüentar a classe? O que um agente deve fazer num caso como esse? Veja como o alfabetizador agiu.

A partir dessa primeira conversa, ele percebeu que a motivação de José estava voltada para aprender a assinar o nome.

O alfabetizador, então, passou a aproveitar o momento das conversas individuais, dos debates com a turma, das atividades de grupo, para falar sobre a importância de aprenderem, também, a ler, escrever e a trabalhar, de modo mais organizado, as noções matemáticas.

Ao mesmo tempo, o alfabetizador desenvolvia o ensino da escrita do nome, não só com José, mas também com os outros alunos que tinham este mesmo desejo como o mais forte e imediato.

Paralelamente a isto, o alfabetizador foi propondo uma série de atividades, para que os alunos percebessem que a leitura, a escrita e o cálculo eram ferramentas valiosas para o seu dia-a-dia de trabalhador, pai de família e membro da comunidade.

A partir do trabalho do agente, José e outros alunos, que inicialmente só queriam assinar o nome, puderam ampliar os seus motivos em relação a outras coisas que o curso de alfabetização lhes oferecia. E isso é importante, você não acha?

Importante, também, é realizar um trabalho interessante, com atividades de classe criativas, dinâmicas e diversificadas. Quando as aulas são monótonas, onde nada de novo é trazido, onde as atividades acontecem todos os dias do mesmo jeito, possivelmente os alunos não conseguirão se manter motivados ao longo do curso, prejudicando, assim, a sua aprendizagem.

E qual é a sua motivação, agente, para o trabalho que você desenvolve nas classes do MOBRRAL? Você acha que os seus motivos para estar aí interferem na motivação do aluno? De que modo a sua motivação ajuda ou prejudica a aprendizagem dos seus alunos? Que outros fatores, além da motivação, estão diretamente ligados com a aprendizagem?

Você gostaria que falássemos sobre esses assuntos em um próximo número da revista?

Escreva-nos, então, dando a sua opinião a respeito dessas perguntas. Você pode usar, para isto, a Carta-Resposta que vai dentro da revista. Não precisa colocar selo nem pagar para você nos remeter esta carta. É só colar e levar a uma caixa ou agência do correio mais perto de você.

JORNAL – Bom para Ler, Discutir, Fazer

Neste número, vamos trocar idéias sobre a utilização de um material muito comum na vida moderna: o jornal.

O jornal é uma publicação, geralmente diária, feita para informar as pessoas sobre o que acontece tanto na localidade em que vivem como no estado, no país e mesmo no mundo.

Como é feito para ser lido por um grande número de pessoas, inclui os mais variados assuntos: políticos, econômicos, sociais, culturais etc., de interesse dos leitores, numa linguagem, em geral, fácil de ser entendida.

Há uma variedade de jornais, especialmente nas grandes cidades. No entanto, muita gente só costuma ler um deles, seja por apreciar as idéias que apresenta, a favor de certas pessoas ou grupos econômicos, políticos etc., seja pelo hábito de ler sempre o mesmo jornal, ou

até mesmo por ele ser mais barato.

Você já reparou como as pessoas, hoje em dia, lêem menos jornal?

É que, cada vez mais, a televisão e o rádio vão tomando o lugar do jornal. Isto acontece por diferentes razões: a televisão e o rádio transmitem as notícias com mais rapidez; muitas pessoas, pela vida difícil que levam, não têm tempo de ler; os jornais vêm aumentando muito de preço.

O jornal, porém, jamais perderá sua importância e utilidade, uma vez que detalha mais as notícias e contém maior número de informações. Além disso, por ser impresso, pode ser lido mais de uma vez, guardado, recortado. Discuta, com seus alunos, sobre a importância do jornal. Vocês poderão até chegar à conclusão de que seria bom utilizá-lo como mais um recurso para o trabalho na sala de aula.

Se isso acontecer, vocês tanto poderão utilizar um grande jornal da capital do estado, ou do próprio município, como os pequenos jornais produzidos na comunidade. Não é necessário que ele seja recente. Mesmo com a data passada, sempre pode haver algum assunto de interesse.

Mas você deve estar pensando que nem sempre o jornal é um material fácil de ser encontrado. Será que isso é verdadeiro? Já procurou saber, por exemplo, onde ele pode ser encontrado na sua localidade?

É comum haver jornais no Posto do MOBREAL, na Prefeitura, nos sindicatos, nas cooperativas, nas associações de bairro, no cartório, na igreja,



no FUNRURAL, no Posto de Saúde e mesmo em algumas casas comerciais e residências.

Você e seus alunos poderão, portanto, ir a estes lugares, a fim de obterem os jornais para as atividades a serem desenvolvidas.

Conseguido o jornal, seria bom discutir, com os alunos, sobre as diversas formas de utilização desse material.

Antes de iniciar o trabalho em classe, no entanto, convém fazer uma leitura do material obtido, para conhecer os assuntos, a linguagem utilizada.

Para ajudar você a trabalhar com o jornal, aqui vão algumas sugestões:

- troque idéias, com o grupo, sobre as características que os jornais apresentam, levando-o, por exemplo, a observar o nome do jornal, a distribuição dos assuntos em colunas, o

título de cada artigo, as fotografias que acompanham os artigos, os anúncios comerciais, os assuntos mais freqüentes etc.;

- selecione, com os alunos, artigos para leitura, interpretação e discussão dos assuntos. Pelo menos inicialmente, convém que esses artigos sejam curtos e simples;
- proponha aos alunos que localizem, no jornal, artigos que possam estar relacionados aos assuntos que estejam sendo estudados, em qualquer área de estudo, para discutir, comparar ou complementá-los;
- peça que os alunos reescrevam um ou outro artigo com suas palavras;
- forme pequenos grupos e peça a cada um deles para resumir um artigo, apresentando, também, comentários para os colegas;
- escolha um assunto para os alunos localizarem no texto e depois fazerem comentários

sobre ele;

- aproveite um quadro mural, ou faça, juntamente com os alunos, um de cartolina, papelão, tecido etc., para organizarem o seu "Jornal Mural", colando nele recortes de artigos, anúncios, avisos e tudo aquilo que o grupo achar conveniente. De acordo com as possibilidades, procure renovar os assuntos do "Jornal Mural", que é um recurso interessante, não só para informar, mas também para formar o hábito de ler, acompanhar os acontecimentos, refletir sobre o que acontece na localidade e em outras partes do país ou do mundo.

Oriente o grupo na montagem do "Jornal Mural", para que os recortes ou trabalhos não sejam colocados de qualquer maneira.

A boa arrumação é sempre um convite à leitura.

Redações

Um amigo

Amigo é uma pessoa que gosta de gente. Se for preciso, ele até ajuda, porque ele está pabe o que dar e vier. Brinda no trabalho, na dança e acompanha nas diversões. O amigo é sincero, ele fala sempre a verdade com a gente, mesmo que não seja do agrado. Eu faço tudo para não perder meus amigos. E procuro sempre ser amigo de verdade.

Jerusa Cardoso - Educação Integrada

Os jornais informam

O jornal é um veículo de comunicação que fornece informações sobre os acontecimentos da vida social, política, econômica e cultural de uma comunidade. Ele também serve para educar e conscientizar os cidadãos sobre os problemas da sociedade.

JORNAL DO COMÉRCIO
JORNAL DE PÁTRIA
JORNAL DE PÁTRIA
JORNAL DE PÁTRIA
JORNAL DE PÁTRIA

A Constituição é a maior das leis

A Constituição é a lei fundamental de um país, que estabelece a estrutura do governo e os direitos e deveres dos cidadãos. Ela é a base para todas as outras leis e regulamentos.

Na questão de sanar a Comissão estabelecida garantias

Prática de trabalho em grupo

A Constituição Federal regula também as condições de trabalho.

Jornal Mural

Vamos abrir as gaiolas

As crianças comemoram o Dia de Ave seguindo os passos dos pássaros. O Dia de Ave é comemorado em 10 de maio, em homenagem ao Dia Mundial do Pássaro, instituído pela Organização das Nações Unidas.

As crianças podem participar de várias atividades, como desenhar, cantar e dançar, para celebrar a vida dos pássaros.



Aniversariantes do mês:
Alfredo Dantas - dia 10
Carmen Lourenço - dia 16
Valdaci Farias - dia 23

MATE AS PRAGAS MAS NÃO MORRA

Cada mil pessoas todo ano morrem na mata intoxicada com veneno.

QUEM É O DONO DESTA TERRA?

Se você ocupa o trabalho uma terra abandonada durante muitos anos, você tem direito a ela - é o direito de "usucapão", garantido pela lei.

Este direito permite que quem ocupa uma terra por um longo período de tempo, sem oposição, adquira a propriedade dela.



Emprego

PROCURA-SE

Doméstica

Escritório

PRECISA-SE DE FATURISTA

MOÇAS 18 a 25 ANOS

Olha aí, pessoal!

Domingo que vem é a nossa excursão a Floresta da Lacatinha. Quem quiser participar procure o Marcos até sexta-feira, 14 de abril. Preço da passagem: R\$ 2.000

Participe do nosso Jornal Mural.

Se não houver espaço na sala e se for difícil fazer um quadro mural, o grupo poderá colocar os recortes e seus trabalhos em um friso na parede (formado de sarrafo, ripa de madeira, compensado), ou em um simples barbante esticado entre dois pregos.

Em qualquer situação, procure sempre levar os alunos a adotar uma atitude crítica em relação ao que lêem no jornal. Uma forma de desenvolver essa atitude crítica é levar sempre os alunos a discutirem o que leram, dando opiniões, dizendo o que pensam sobre o que foi lido. Suponhamos que os seus alunos leiam o seguinte artigo:

Caminhoneiros em greve

São Paulo/SP - A rodovia Presidente Dutra amanheceu hoje com o trânsito difícil, em virtude da greve dos caminhoneiros que, em sinal de protesto pelos baixos fretes, resolveram parar seus caminhões na estrada. Com a paralisação, a indústria e o comércio terão grandes prejuízos pela falta de transporte das mercadorias. O abastecimento de produtos agrícolas para outros estados também será afetado com a greve, que ameaça durar muito tempo.

Na discussão sobre este artigo, você pode desenvolver o espírito crítico dos alunos, perguntando a eles, por exemplo, por que o jornal fez referência aos problemas sociais que a greve causou (falta de transporte, prejuízo na agricultura, na indústria e no comércio), mas não deu destaque aos problemas dos grevistas: preço da gasolina, do óleo diesel, manutenção do caminhão, despesas pessoais e familiares etc.



Será que, entre outras coisas, não é porque o jornal está a favor das classes empresariais? São questões como essas que você pode discutir com os alunos.

E para ajudar nas discussões sobre esse e outros artigos, convém, quando possível, que os alunos observem como o mesmo assunto é tratado em diferentes jornais. Esta atividade é excelente para desenvolver as habilidades de observação, interpretação, análise.

Em relação, ainda, aos jornais que estão sendo utilizados, não deixe de aproveitar os artigos que levem a uma maior participação das pessoas da comunidade, tais como os que se referem às associações de bairro, aos sindicatos, às ações

de saúde, aos mutirões, às festas etc.

MAS... E SE É DIFÍCIL CONSEGUIR JORNAIS... O QUE FAZER?

Você pode, por exemplo, fazer com os alunos um jornal, utilizando os próprios trabalhos do grupo.

Esses trabalhos podem ser redações, pesquisas, desenhos, poesias, trovas, notícias sociais, tais como: participação de nascimentos, noivados, casamentos, batizados, aniversários; anúncios de objetos que se queira vender ou comprar etc.

Tudo isso pode ser colocado em um quadro mural, do tipo que foi sugerido anteriormente.

Outro modo seria colocar os trabalhos em folhas de papel, não muito pequenas, dobradas ao meio, e prendê-las, seja com grampos, cola ou barbante.

Você pode, também, variar os trabalhos na sala de aula, fazendo um "jornal falado" com os alunos. Nesta atividade, os alunos lêem os artigos ou anúncios que eles mesmos fizeram.

É necessário que alguém, no grupo, fique encarregado de planejar a vez de cada um se apresentar.

Estimule o grupo para ser criativo nas formas de apresentação, nas maneiras de falar etc.

O que você acha destas sugestões?

Escreva para a revista A Gente, dizendo o que pensa da utilização do jornal na sala de aula, se foi possível aproveitar nossas idéias e se houve aceitação do grupo em relação às atividades com o jornal.

Para Jogar e Aprender

As diferenças que fazem a diferença

(Adaptado do folheto "A Ação Cultural — Passatempos 2". Mobral-RJ)

Você já viu, nas páginas 5 e 6 desta revista, como é importante que o aluno desenvolva a sua percepção, para melhor aprendizagem da leitura e da escrita. E isso pode ser feito, de maneira muito agradável, através de jogos.

Neste número, trazemos, para você realizar com os seus alunos, uma sugestão de jogo que vai ajudar a desenvolver a percepção — o jogo dos 7 erros. Observe como é fácil e interessante.

N.º de participantes

De 10 a 12 pessoas.

Modo de jogar

Divida os participantes em 2 grupos. Cada grupo deve ter, de preferência, o mesmo número de pessoas.



Os componentes do GRUPO 1 se organizam numa determinada pose, como se fosse para tirar uma fotografia.

Quando todos estiverem arrumados, o outro grupo, ou seja, o GRUPO 2, deverá observar, durante 1 minuto, o GRUPO 1, que está em pose, prestando atenção em todos os detalhes da cena.



Passado esse tempo, o GRUPO 2 se retira (ou fica de costas), e o GRUPO 1 muda 7 detalhes da cena anterior, como, por exemplo: um tira a sandália;

outro segura um objeto que não apareceu na primeira cena; um terceiro muda a posição dos pés e das mãos etc.



Após essa mudança, o GRUPO 2 observa novamente o GRUPO 1, para descobrir, em apenas 5 minutos, as 7 mudanças de cena (ou seja, os 7 "erros").

O jogo continua com os grupos se alternando: o que já posou passa a observar e o outro que era observador passa a preparar a cena.

Contagem dos pontos

Para cada "erro" descoberto, marcam-se 5 pontos. E se todos os 7 "erros" forem descobertos no prazo dado (5 minutos), marcam-se mais 15 pontos, totalizando, então, 50 pontos ($7 \times 5 = 35$ e $35 + 15 = 50$).

É bom indicar um juiz que acompanhe o jogo e conheça os 7 "erros", para que ele confirme os pontos obtidos pelos grupos. Esse juiz pode ser um aluno que não esteja participando do jogo ou até mesmo você.

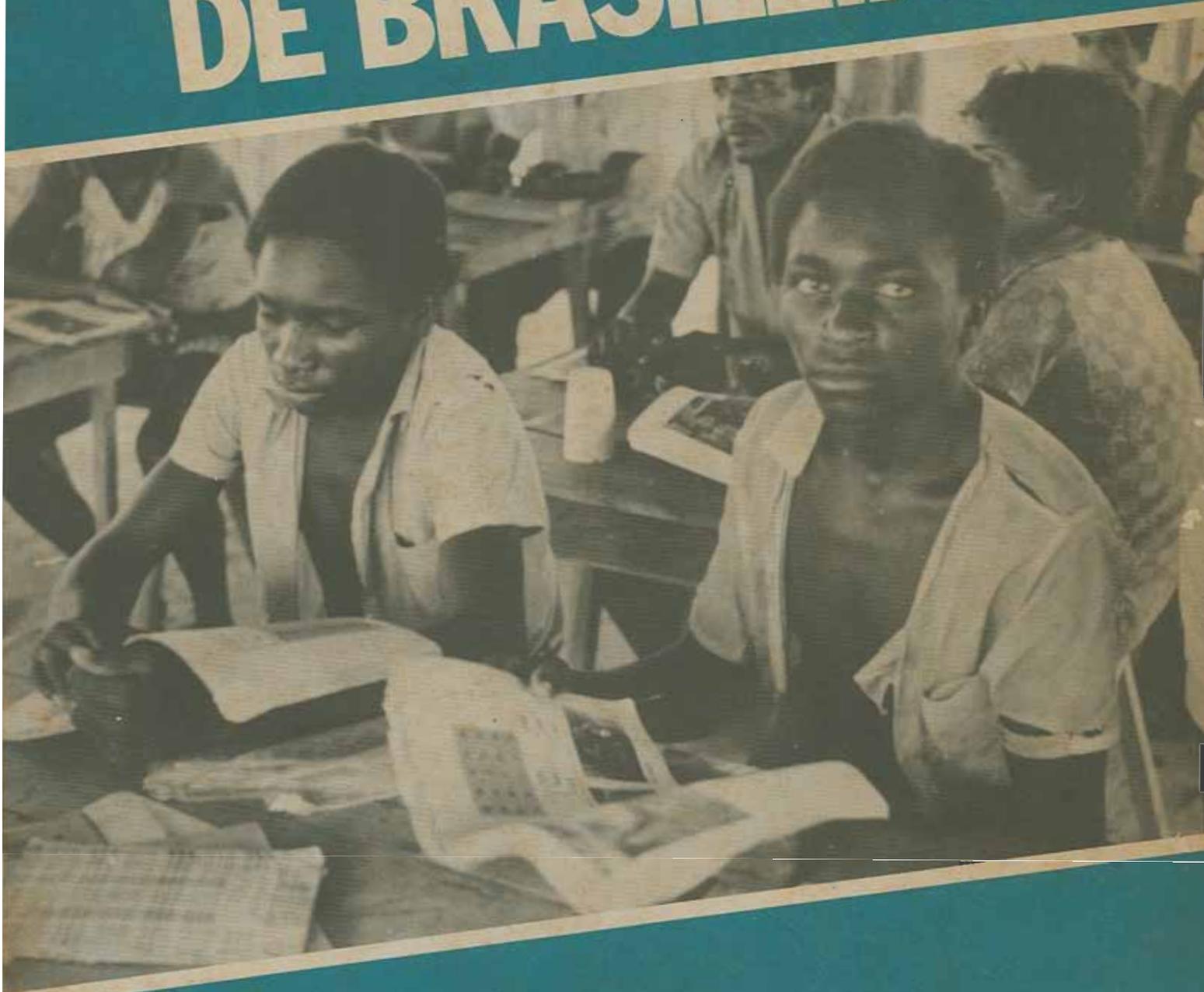
Variação

Você ou algum aluno tem habilidade para desenhar? Então veja como esse mesmo jogo pode ser realizado de outra maneira.

Usando qualquer tipo de papel, recorte um quadrado com aproximadamente 20 cm de lado. Divida esse quadrado em duas partes iguais. Desenhe, nas duas partes do quadrado, a mesma cena. Apenas mude, na segunda cena, 7 detalhes: com relação à primeira.

Ao observar as duas cenas, o aluno deverá encontrar, na segunda, os 7 "erros", ou seja, os 7 detalhes que estão diferentes da primeira cena.

UM SERVIÇO PRESTADO A MILHÕES DE BRASILEIROS



Uma idéia que desafiava consciências e que se tornou realidade.

Um programa de massa de ensino não-formal para favorecer a população de baixa renda, premiado cinco vezes internacionalmente.

Um trabalho conjunto com as comunidades carentes.